



Cléo Octávio Pereira

Um sonho compartilhado com a família

Arquivo Público



CLEO COM A
ESPOSA
WILMA, EM
MAIO DE 1972

STELA MÁRIS ZICA

ESPECIAL PARA O CORREIO

O ritmo alucinante de trabalho em torno das obras, a sinfonia dos martelos e o vai-e-vem de autoridades, operários e visitantes no início da construção de Brasília ecoavam praticamente em todo o país nas manchetes dos jornais. Era nos jornais dos Diários Associados — **Correio Braziliense** e *Estado de Minas* — e nas revistas *O Cruzeiro* e *Manchete* que o cirurgião-dentista Cléo Octávio Pereira se inteirava sobre tudo o que acontecia por aqui. Ele colecionava tudo que era divulgado na imprensa. “Nós assinávamos o **Correio Braziliense** e sempre que saía uma reportagem ou foto sobre a cidade, ele recortava para montar um álbum e dizia: Essa será nossa futura cidade!”, lembra a filha Cláudia.

Organizado e sempre dedicado aos estudos, Cléo conheceu cedo o desafio e a responsabilidade de sair de casa para estudar na capital. Nascido em Varzinha (MG), assim que concluiu o ginásio se mudou para o Rio de Janeiro, onde se formou em Odontologia na então Universidade do Brasil (atual UFRJ). Com o diploma ainda fresquinho, Cléo resolveu retornar à tranqüila cidade de Lavras para trabalhar com o pai, que também era dentista, até a sua mudança para o Planalto Central.

Brasília, assim como aconteceu com muitos pioneiros, ga-

nhou um capítulo especial na vida do mineiro, que depois de casado, já em seus 40 anos completos e com os filhos ainda pequenos, resolveu trocar a vida estável, o consultório odontológico e a boa clientela para se unir aos candangos na realização do sonho de Juscelino. “Eu tinha um grande sonho que era participar da construção de Brasília e criar e educar meus filhos todos juntos. Aqui era uma cida-

de que oferecia, além de trabalho, uma boa educação”, declara Cléo. “Meus amigos achavam uma loucura abandonar tudo para começar do zero. Mesmo assim eu sempre dizia comigo mesmo: é para lá que eu vou”, acrescenta. Segundo a filha, ele alimentou a todos com esse sonho. “Como éramos crianças, isso marcou muito nossas vidas.”

Contagiado pelo entusiasmo da inauguração da nova capital,

a um mês da grande festa, Cléo reuniu os amigos para organizar uma viagem até o Planalto Central a fim de conhecer a tão comentada Brasília. “Ele tinha vontade de trazer todo mundo para conhecê-la”. O argumento era sempre o mesmo. “Precisamos conhecer a nova capital do Brasil”. A mobilização deu certo. Num ônibus fretado, eles seguiram com suas esposas rumo ao Cerrado, numa viagem longa por causa das condições das estradas e do veículo, que não era lá essas coisas. O trajeto era bem comprido. De Lavras a Belo Horizonte e de lá para Paracatu, no noroeste mineiro. A chegada foi realmente inesquecível. E não foi por menos. Com as chuvas intensas, o ônibus acabou atolando próximo à rodoviária que ainda estava em obras.

Nessa época, encontrar um quarto no Brasília Palace era praticamente impossível, devido ao grande número de autoridades e políticos na cidade. O Núcleo Bandeirante era a única solução. Lá, um hotel ainda em construção aguardava os visitantes. “Como ele não estava pronto, tivemos de deixar as bagagens na recepção e dar uma volta na cidade”, lembra a esposa Wilma.

O 1º lugar no concurso

Em meados de 1961, o pioneiro desembarcou novamente na cidade para conhecer de perto as maravilhas e oportunidades que a nova capital poderia oferecer. Foram seis meses averiguando

tudo. De volta a Minas, Cléo recebeu de um amigo e conterrâneo, que já morava em Brasília, o edital do concurso para dentistas, promovido pelo IAPC — Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários. De olho na única vaga existente, ele não pensou duas vezes para se inscrever. Para o orgulho da família e dos amigos de Lavras, Cléo passou no concurso, deixando para trás mais de mil candidatos. O sonho de mudar para Brasília se tornava realidade.

Ainda durante sua estada na cidade — para a realização do concurso —, o pioneiro aproveitou para dar uma esticada até a casa do amigo, o professor Hely Menegalle, então presidente da Comissão Administrativa do Sistema Educacional de Brasília, responsável pela implantação do ensino na nova capital. Entre uma conversa e outra, o dentista revelou o seu desejo de mudar para a cidade. Como dizem, Cléo estava no lugar certo e na hora certa. As palavras do amigo ficaram gravadas na sua memória. “Ainda não escolhi meu chefe de gabinete. Você aceita trabalhar comigo?” Dois dias depois ele tomava posse como chefe de gabinete da Secretaria de Educação. Apesar de não ser sua grande paixão, Cléo decidiu voltar a Minas para providenciar a mudança em março de 1962. A esposa Wilma achou melhor aguardar o fechamento do semestre e as férias de julho para se mudar.

Aos 40 anos, o dentista decidiu trocar a estabilidade conquistada em sua terra natal para participar da aventura de contribuir para a construção de Brasília

CLÉO E WILMA COM
FILHOS E NETOS
EM MOMENTO DE
CELEBRAÇÃO



“
EU TINHA UM
GRANDE SONHO,
QUE ERA
PARTICIPAR DA
CONSTRUÇÃO DE
BRASÍLIA E
CRIAR E EDUCAR
MEUS FILHOS
TODOS JUNTOS.
AQUI ERA UMA
CIDADE QUE
OFERECIA, ALÉM
DE TRABALHO,
UMA BOA
EDUCAÇÃO”

Enquanto isso, o pioneiro ficou alojado na Casa dos Municípios, na W3 — na altura da 513. A instituição mantinha um vínculo com representantes políticos dos municípios para receber pessoas de todos os estados.

Mesmo atarefado nos serviços da Secretaria de Educação, o pioneiro cuidava da montagem de seu consultório no Edifício JK. “Ele não pretendia continuar na Educação”, confirma a esposa. Ansioso para ocupar a única vaga para a qual fora aprovado, e já com meses de espera,

Cléo apelou para a Presidência da República. “Escrevi um telegrama para o presidente João Goulart manifestando meu descontentamento e o descrédito no concurso público, visto que a vaga já havia sido ocupada por uma outra pessoa”, afirma. No telegrama, segundo a esposa, Cléo também revelava ser “um brasileiro que se preocupava e acreditava no futuro do país”.

Em menos de uma semana, o mensageiro trazia a carta-resposta, na qual o presidente acusava o recebimento e confirmava o preenchimento de forma ilegítima da vaga que ele “tão bem conquistou”. Pouco tempo depois, resolvida a questão, o dentista pediu demissão da secretaria e finalmente pôde colocar em prática a Odontologia na nova capital. De manhã, ele atendia em seu consultório particular, no Edifício JK, e à tarde no IAPC que funcionava no Setor de Autarquias. Durante os 30 anos de profissão, em Brasília, ele conquistou boa clientela. Entre os clientes estavam embaixadores, ministros de Estado e diversas autoridades. Dedicado e antenado ao que acontecia

na cidade, o cidadão honorário de Brasília encontrava tempo e disposição para atuar na Associação Brasileira de Odontologia (ABO), instituição que ajudou a fundar, e para participar de todos os congressos de Odontologia que eram realizados aqui ou em outros estados.

A mudança da família

A chegada da família, no dia 31 de julho de 62, alegrou ainda mais o ambiente. Agora, estavam todos reunidos novamente. “As crianças ficaram maravilhadas ao ver a grandiosidade das obras, a beleza do Eixão e aquele imenso horizonte”, lembra, saudosa, Wilma.

Moradia não era problema. Como dentista do IAPC, o pioneiro tinha direito a um apartamento. Cléo e a família foram morar na 106 Sul. A mobília, eles trouxeram de Minas num caminhão. Segundo conta Wilma, o apartamento não era grande, mas a vontade de participar da grande obra de Brasília fez com que abrissem mão de todo o conforto para viver na cidade em que tudo estava para ser construído.

“Naquele tempo, haviam obras por todo lado. Para se chegar ao Lago Sul era uma dificuldade. A gente tinha que dar voltas atrás do aeroporto.”

Em 1967, a família deixou o apartamento para morar em um outro maior, mas na mesma quadra. De lá, o casal foi direto para o Lago Sul, onde mora há 27 anos. “Brasília foi uma grande madrastra, (no bom sentido). Ela nos acolheu com grande amor, abrindo suas portas para minha realização profissional e a de meus filhos”, declara Cléo.

As poucas horas de lazer do pioneiro eram reservadas para um passeio no Iate Clube ou para uma partida de tênis. Hoje, aos 83 anos, ele passa seu tempo em casa com a família. Para ele, agora é preciso cuidar desse patrimônio. “Brasília não pode ser abandonada, e sim, preservada com todo o cuidado”. Se depender dos filhos, José Ronaldo, Paulo Octávio e Cláudia, o futuro da cidade está assegurado. A exemplo do pai, eles ministram com determinação o legado deixado por Juscelino Kubitschek.

Raio X

Nome:

Cléo Octávio Pereira

Idade:

83 anos

Origem:

Varginha, Minas Gerais

Ano de chegada a Brasília:

Em 1960 ele veio com a esposa para conhecer, se mudando definitivamente em março de 1962

Profissão:

Cirurgião-dentista

Esposa:

Wilma Carvalho Alves Pereira

Filhos:

Paulo Octávio, Cláudia e José Ronaldo

Netos:

Paulo Octávio, Catarina, Felipe, André, Maíra e Ana Gabriela